

MEDIAÇÃO E FORMAÇÃO CIDADÃ NA UNIVERSIDADE

MEDIATION AND CITIZEN FORMATION AT THE UNIVERSITY

Thereza Carolina Gonçalves Vieira ¹, Maria Alzira de Almeida Pimenta ²

¹ Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba (UNIUBE), Especialista em Docência Universitária pela UNIUBE, Bacharel em Administração pelas Faculdades de Ciências Econômicas do Triângulo Mineiro (FCETM). Atualmente, está concluindo pesquisa nas áreas de Ética, Educação e Formação em Valores, como bolsista da FAPEMIG. E-mail: tcarolina248@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Mestre em Artes pela Universidade de São Paulo e graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas. É docente do curso de Pós-graduação em Educação da Universidade de Uberaba (UNIUBE). Suas pesquisas tratam sobre avaliação, fraude acadêmica e ética. E-mail: pimenta@mpc.com.br

RESUMO

Sabendo-se que a educação do homem é um processo complexo que se constrói ao longo de toda uma vida e não somente nos anos iniciais da escola, o presente trabalho desenvolve uma reflexão sobre a educabilidade humana e sua relação com a mediação realizada pelo professor. Destacando a dimensão ética, valores como a cidadania e a forma de tratá-los com o jovem universitário, considera-se que ele já é cidadão antes mesmo de exercer esse papel. Dessa perspectiva, surge o questionamento: como tratar de ética, moral, princípios (ou regras básicas de comportamento) e valores como honestidade, bondade, virtude com jovens universitários, de forma a promover mudança de comportamento e atitude, orientando-os para alcançarem a aprendizagem significativa? Como promover o aprimoramento das faculdades intelectuais, físicas e morais do indivíduo que, através da aprendizagem, consegue transformar-se em cidadão pensante e atuante? Para minimizar os comportamentos antissociais é preciso associar aprendizagem e educação em valores. Para tanto, faz-se necessário rever como a ética é abordada na formação dos estudantes.

Palavras-chave: Disciplina. Ética. Formação integral. Educação. Comportamento.

ABSTRACT

Knowing that the man's education is a complex process that builds over a lifetime and not only in the early years of school, this paper develops a reflection on the human educability and its relation to mediation carried out by the teacher. Highlighting the ethical dimension, values such as citizenship and how to treat them with the young university, considers that he is a citizen even before exercise this role. From this perspective, the question arises: how to deal with ethics, moral principles (or rules of behavior) and values such as honesty, kindness, virtue with university students in order to promote change in behavior and attitude guiding them to achieve meaningful learning? How to promote the improvement of the intellectual faculties, physical and moral of the individual who, through learning can become citizen thinking and acting? To minimize antisocial behavior is necessary to associate learning and values education. Therefore, it becomes necessary to review how ethics is approached in the formation of students.

Keywords: Discipline. Ethics. Integral Formation. Education. Behavior

1. INTRODUÇÃO

*Os alunos levam da gente o que somos para eles
e não o que lhes informamos.*

Vasco Pedro Morettoⁱ

Quando se pensa em formação integral do estudante, imediatamente esta se associa à transmissão de conhecimentos e preparação para o mercado de trabalho como um profissional tecnicamente eficiente. Entretanto, a formação integral também precisa contemplar a construção e a afirmação de valores necessários à atuação do estudante como cidadão. Sendo assim, o presente texto tem como objetivo refletir sobre a necessidade de a educação superior contemporânea estimular o desenvolvimento de uma atitude ética em seus estudantes estruturada a partir de valores fundamentais como honestidade, solidariedade, dentre outros.

As recentes mudanças culturais engendradas, principalmente, pela rápida e intensa evolução tecnológica, demandam que se repensem os pilares sobre os quais a sociedade precisa se apoiar. A educação em valores é o que acreditamos possibilitar à nação promover mais equidade econômica e justiça social. Isso implica, inicialmente, pensar a educação na perspectiva de ver surgir e se estabelecer uma política educacional que contemple os valores humanos no exercício pleno da cidadania.

Dessa forma, é necessário, pois, analisar o que é educar. Quando falamos em educação, a palavra nos remete a outras tantas: disciplinar, ensinar, conduzir, transmitir conhecimentos, instruir, doutrinar. Há um ditado popular que afirma: “Quem ensina, transmite, e quem educa, disciplina”. Já para a palavra educar, encontramos no dicionário a seguinte significação: “transmitir conhecimentos; instruir; cultivar o espírito” (FERREIRA, 1994, p. 234)”, e para a palavra disciplinar: “Ensinar metodicamente” (DICIOWEB, [200-?]). As definições do dicionário são as consideradas pelos leigos, ou seja, a maioria da população. Nessas definições, educar e disciplinar distinguem-se pela particularidade de que, para educar, precisamos disciplinar e, para tanto, aplicamos métodos, técnicas, saberes e conhecimentos específicos.

O que estamos propondo aqui, com esse resgate de idéias, é refletir sobre o significado e a importância da disciplina na formação integral dos estudantes. Durante a ditadura militar (1964 - 1984), o receio generalizado da perseguição e tortura desvirtuou seu sentido. Confundida com submissão e opressão, a disciplina foi cultuada e valorizada e, conseqüentemente, fortemente associada ao militarismo e ao autoritarismo. Com o fim desse regime, a associação permaneceu, levando-a a ser praticamente considerada como uma virtude menor, quando não menosprezada. Sendo assim, criou-se uma inibição nas pessoas em geral e nos professores, em particular, quanto a defender a necessidade de se ter disciplina na educação dos jovens e na sala de aula.

Por outro lado, a educação é um processo social que não se desenvolve espontaneamente. Há que ser conduzido e, apesar de o estudante, muitas das vezes, não saber até onde pode chegar, o professor precisa ter conhecimento para contribuir para sua formação. De que forma? Explorando suas potencialidades, possibilidades e competências. Estas, por sua vez, em um ambiente sem disciplina, dificilmente são enxergadas ou mesmo percebidas. E isso se dá, possivelmente, pelo fato de que um dos maiores entraves na relação professor-aluno reside em dois aspectos. Primeiramente, pelo fato de o professor atender a um número cada vez mais elevado de alunos (tanto no que diz respeito às salas de aulas lotadas quanto em relação ao número excessivo de turmas com as quais tem que lidar em sua carga-horária), o que favorece a instauração de um ambiente sem disciplina. Em decorrência do primeiro, o segundo aspecto resulta da indisciplina, que dificulta ao professor propor e coordenar as atividades que promovam a construção do conhecimento significativo pelo estudante. É sabido que o processo de ensino-aprendizagem demanda não somente um ambiente que favoreça o desenvolvimento da reflexão como, também, uma atenção mais individualizada ao estudante. Essa última, praticamente impossível com o número elevado de alunos com os quais o professor trabalha (referente ao primeiro aspecto), conforme já foi dito.

Em função disso é que um dos maiores problemas vivenciados hoje pelo professor universitário é a atitude do estudante em sala de aula e no campus da universidade. É frequente se observar várias formas de comportamento antissocial. Como exemplos desse comportamento, podemos relacionar: falar ao mesmo tempo em que o professor explica o conteúdo; atender ao celular durante a aula; responder de forma grosseira; discutir com outros estudantes e mesmo com o professor; jogar lixo no chão da sala e por toda a universidade; não

manter os banheiros limpos; escrever nas carteiras, paredes e portas de banheiro; dormir em sala de aula durante a aula; não cumprir os prazos dos trabalhos solicitados; colar nas provas; copiar trabalhos de outros colegas já realizados nos anos anteriores de; não tratar o professor como autoridade (que é), entrando e saindo da sala após o início da aula; durante a aula, provocar algazarra nos corredores durante o horário das aulas, dentre outros.

Com isso, o professor, hoje, além de se preocupar em se preparar para aula, pesquisar o conteúdo, pensar em atividades em que seja possível a aplicação do conhecimento construído, tem uma preocupação maior, abrangente e urgente, que é lidar com a falta de civilidade e cidadania com que vários estudantes chegam às universidades.

É certo que o comportamento humano é moldado, ao longo dos anos, pela educação e pela cultura. E também pela ética, responsabilidade, integridade, dedicação e pelo respeito por si mesmo e pelos outros, através do amor e comprometimento. E de que forma construir tal postura ética nos estudantes?

Consideramos que é fundamental levá-los a refletir sobre o próprio comportamento quando assistem a uma aula, fazem uma prova/atividade, realizam um estágio, de forma a valorizarem o tempo em que estão na universidade por sua condição de presente e por ainda ser o tempo da construção da vida profissional futura. Faz-se necessário sensibilizá-los para a importância desse período em que se consolidam os primeiros alicerces de uma carreira profissional. É muito comum o estudante pensar que a graduação é um período de menos compromisso ou a última chance de, ainda, usufruir dessa condição de “leveza”. Ao acabar a graduação é que começaria a vida “séria” e de adulto. A separação entre o estudante e o profissional constitui-se num equívoco, pois já no tempo da escola/universidade o profissional é aquele mesmo sujeito, homem, estudante. Em função disso, é preciso contribuir para que o estudante perceba que ninguém muda da noite para o dia simplesmente por ter recebido um diploma/certificado de conclusão. O diploma é o que foi moldado nele (estudante), no seu ser, durante o tempo em que ele “estagiou” pelos bancos de uma faculdade/universidade/escola. O que faz um bom profissional não é o diploma pendurado na parede, mas, sim, o conhecimento intelectual e moral que ele traz consigo, e isso só se consegue vivenciando e praticando diária e continuamente a cidadania.

A partir dessas reflexões e considerando a importância das atitudes dos estudantes ao longo de sua graduação, questionamos: como tratar de ética, moral, princípios (regras básicas

de comportamento), valores como honestidade, bondade, virtude com jovens universitários, orientando-os para uma aprendizagem significativaⁱⁱ? Como promover o aprimoramento de suas faculdades intelectuais, físicas e morais?

Libâneo (2010) colabora, se não com a resposta, pelo menos com o caminho para ela, ao observar que, para compreender o problema pedagógico do como fazer, é preciso pensar o processo intelectual do estudante. Como ele se dá? De que forma? Em qual ritmo? Como aprendemos coisas? Como os estudantes se apropriam dos saberes, do conhecimento? A relação do estudante com o conhecimento está associada a uma postura epistemológica, psicológica ou a ambas?

Dessa forma, para compreender o problema pedagógico das mediações entre o sujeito e o saber, a pedagogia não é suficiente, é preciso saber o percurso de construção pela humanidade dos saberes específicos, e associá-los à aprendizagem. Essa questão, precisamente, é uma questão epistemológica, pois que “epistemologia”, em seu sentido mais convencional, é o estudo crítico e histórico dos princípios, hipóteses e resultados das diversas ciências, sendo que, no ensino escolar, talvez fosse apropriado falar em “epistemologia aplicada”, ou seja, o processo de construção de conceitos, a determinação de seu nível de formulação, os obstáculos epistemológicos, etc. (LIBÂNEO, 2010, p.2).

Defendemos que a formação integral, a partir de valores para o exercício da cidadania, precisa estar associada ao processo de ensino-aprendizagem. E este, para ser efetivo, demanda que o professor entenda e domine a mediação, planejando e gerindo a prática pedagógica.

2. A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Sabemos que um grande problema na educação superior contemporânea é a necessidade de estimular o desenvolvimento de uma atitude ética nos estudantes, que seja tanto geral, quanto de forma particular, viável em todos os alunos, sem eliminar as diferenças individuais que sempre existirão, de acordo com os contextos sócio-culturais onde ocorre o processo de ensino-aprendizagem e que refletem os valores fundamentais sobre os quais se deve apoiar a sociedade contemporânea. Por valores fundamentais entendemos os que são construídos na vida em família, na convivência com o outro, no trabalho, nas escolas, nas manifestações culturais, segundo o contexto ou a sociedade na qual se está inserido. Valores que devem orientar o ser humano através de noções do bem e do mal, da justiça, do que é certo e do que é errado, observando regras que são importantes na medida em que nos auxiliam a nos relacionarmos melhor com o outro. Conhecer, compreender e praticar esses

valores é fundamental para minimizar os comportamentos antissociais. Em relação aos valores fundamentais, podemos compreender, com base em Bombino (2009, p. 407), que

Em cada pessoa existe algo assim como um processo de avaliação interno, configurado especificamente para o seu nível de consciência, que vai estruturando um sistema de valores, que, por sua vez, tornam-se o núcleo integrador da personalidade à qual está em conformidade, dependendo de vários fatores, a uma filosofia unificadora da vidaⁱⁱⁱ.

Sendo o homem um ser social, o comportamento em sociedade determina a sua condição humana, posto que a ação humana é resultado da interação de diversos fatores, internos e externos, tais como: personalidade, cultura, expectativas, papéis sociais e experiências. E isso nos remete a uma educação social que se refere à aprendizagem que acontece ao longo de toda uma vida e

[...] a todas as formas de prática educativa e pedagógica desenvolvida em contexto social e no âmbito de estratégias de educação não formal, partindo de um conceito muito caro ao século XXI que é a educação, ou a aprendizagem, ao longo da vida. Aprender ao longo da vida significa que se aprende na relação com a própria vida, o que implica olhar para todos os espaços da vida como potenciais espaços de aprendizagem. É nesse sentido que hoje se fala em [...] educação para a cidadania [...] A pedagogia social é uma ciência da educação que, apesar de se desenvolver num contexto social exterior ao espaço escolar, traz para a escola um desafio, que é a relação com outros espaços de educação, sem pretender dar uma dimensão pedagógica à vida social. (BAPTISTA, 2005).

Observando que as ações humanas requerem, para a boa convivência na vida em sociedade, bons costumes, boa conduta, seguindo os preceitos socialmente estabelecidos pela sociedade, ressaltamos assim que a educação pode e deve contribuir para a construção desses valores desejáveis em estudantes universitários de forma que as relações existentes no âmbito da universidade, extensivas a toda sociedade, sejam pautadas pelo comprometimento com os estudos, pela integridade, o respeito à autonomia e à dignidade do ser humano, não tolerando atos ou manifestações de prepotência ou violência ou que ponham em risco a integridade física e moral de outros. Assim é que a escola, com o trabalho do professor, pode ter um grande poder de transformação. Essa transformação será possível na medida em que a escola, entre outras atribuições, possibilitar ao estudante que seja capaz de entender que, antes de ser aluno, é cidadão que participa de uma sociedade exercendo direitos e deveres políticos, civis e sociais, sendo adequado, assim, adotar no seu dia a dia atitudes de respeito, cooperação e justiça em relação ao outro, como também exigindo para si esse mesmo tratamento; ensiná-lo a posicionar-se de maneira crítica e ética, a ser responsável por suas atitudes e comportamentos, procurando utilizar o diálogo como forma de mediar conflitos e tomar

decisões individuais ou mesmo coletivas e, também, procurar nortear as relações humanas que ocorrem no seu âmbito, auxiliando a promover o resgate de uma sociedade mais justa em que o princípio da equidade vigore.

Entendemos que, para uma aprendizagem significativa, o professor precisa ter em mente seu objetivo educacional que é o de conquistar, seduzir seu aluno, fazendo com que ele se interesse pelo conteúdo, tornando o conhecimento atrativo para ele (estudante) de forma a motivá-lo a querer conhecer. Shulman (2005) e Libâneo (2004, 2008, 2010) propõem que o professor precisa partir do que o aluno já sabe, do seu mundo, da sua realidade, do seu contexto social, do seu conhecimento prévio, pois que as formas de ensinar dependem das formas de aprender.

3. A TAREFA DO “BOM PROFESSOR”

Podemos compreender, com Libâneo (2010), que o caminho didático se inicia com um “inventariamento” do nível de conhecimento (o saber dos alunos) da sua realidade e da reflexão de como a sociedade, na qual a escola e o estudante estão inseridos, está organizada e estruturada, lembrando que a escola, independente de qual seja sua linha de educação, não existe de maneira isolada de seu entorno. Conhecer o universo vivencial do estudante é o ponto de partida para se alcançar o objetivo central de todo processo educativo, que é fazer avançar, evoluir a capacidade de compreensão do estudante, de forma que ele seja capaz de intervir na realidade para além do estágio presente, gerando autonomia e humanização (CORTELLA, 2009). Shulman (2005) aborda a investigação sobre a escolarização, as organizações sociais, a aprendizagem humana, o ensino e o desenvolvimento, e outros fenômenos culturais que influenciam o trabalho dos professores. Estes estão elencados dentre as fontes principais da base de conhecimento para a prática docente, como também a formação acadêmica na disciplina de ensino; os materiais e o contexto do processo educativo institucionalizado (por exemplo, currículos, livros didáticos, a organização da escola, o financiamento e a estrutura da carreira docente) e, por último, e não menos importante, a sabedoria docente que dá a própria prática.

Entendemos que o ensino depende de mediações (cognitivas e didáticas) que favoreçam a apropriação do saber por parte do estudante. O ensino não será outra coisa que a

mediação didática do estudante com os saberes, do estudante com o conhecimento, do estudante com a cultura. Os conceitos são a base do saber científico, porém cada um constrói seu próprio saber, seu próprio conhecimento a partir do seu conhecimento de mundo (conhecimento prévio), do seu histórico de vida.

Ao professor cabe a tarefa de realizar a mediação didática, de pensar o processo intelectual do estudante (como ele se dá, de que forma, em que ritmo?). É a integração entre a didática instrumental (técnica) e a didática fundamental (fundamentos científicos). E, na busca de alcançar o estudante, o professor deve agir com compaixão (do latim *compassio*), que quer dizer andar ao lado, junto, sentir o que o estudante sente, ver com seus olhos, de forma a compreender de que modo seu aluno aprende. Libâneo (2008, p.15) chama a atenção para:

Aprender o conteúdo é, então, interiorizar os modos de pensar, de raciocinar e de investigar próprios da ciência ensinada. Ensinar o conteúdo é ajudar o aluno, fornecer-lhe as mediações necessárias para que ele faça essa interiorização. Trata-se de instrumentalizá-lo para que se transforme num sujeito pensante por meios cognitivos de formação de conceitos, habilidades do pensar, raciocínio, etc.

A partir dessa reflexão, podemos dizer que, efetivamente, as pessoas vão à escola para aprender cultura e conteúdos, internalizando os meios cognitivos de compreender e, assim, transformar o mundo em que vivem. Para tanto, o objetivo educacional deve ser o de estimular a capacidade de julgamento e raciocínio, melhorando a capacidade reflexiva do estudante para desenvolver suas competências do pensar. “A teoria histórico-cultural, na tradição de Vigotsky, mostra que educar é intervir na capacidade de ser e de agir das pessoas, pelas mediações culturais, isto é, pelos instrumentos simbólicos e materiais, num contexto de relações comunicativas” (LIBÂNEO, 2008, p.60). Também Libâneo (2004, p.5) procura respaldar a reflexão quanto à função de mediação cultural que a escola exerce, pois que

Ante as necessidades educativas presentes, a escola continua sendo lugar de mediação cultural, e a pedagogia, ao viabilizar a educação, constitui-se como prática cultural intencional de produção e internalização de significados para, de certa forma, promover o desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral dos indivíduos. O *modus faciendi* dessa mediação cultural, pelo trabalho dos professores, é o provimento aos alunos dos meios de aquisição de conceitos científicos e de desenvolvimento das capacidades cognitivas e operativas, dois elementos da aprendizagem escolar interligados e indissociáveis. (LIBÂNEO, 2004, p.5).

Sendo a mediação cultural realizada pelo trabalho do professor, assim é que a atividade de ensinar é considerada uma atividade humana, inerente ao processo educativo cujo desenvolvimento está ligado à transmissão e posterior interiorização da experiência, que também é humana de modo generalizado, manifestando-se em saberes, teorias científicas,

valores, atitudes, técnicas e práticas (LIBÂNEO, 2008). E humano também é o processo educativo que, antes de qualquer outra coisa, é uma relação que acontece entre seres constituídos de valores, princípios morais, práticas sociais, costumes e tradições que fazem parte da formação cultural de cada um dos vários sujeitos envolvidos nesse processo, dentre eles estudante e professor. Tais aspectos manifestam-se nessa relação, ora com mais intensidade, ora com menos, destacando-se que aluno e professor não deixam de ser quem são simplesmente pelo fato de entrarem na sala de aula. Assim é que, ao trabalhar a questão da ética em sala de aula, o professor se depara com outra demanda: o choque de valores, os distintos valores, normas e modelos de comportamento que o ser humano carrega consigo.

Nesta última reflexão, cabe ressaltar um importante aspecto: no ensino superior, os estudantes não são mais crianças, mas jovens ou adultos com seus valores culturais e morais já formados, lembrando que a palavra formar encerra em si um complexo conjunto de aspectos e dimensões que esse vocábulo tenta expressar, como: constituir, compor, ordenar, fundar, criar, instruir-se, desenvolver-se, o que faz com que essa particularidade – a idade cronológica dos estudantes – seja significativa em razão de que, na universidade, o professor se depara com situações e questões diferentes das vivenciadas no ensino básico, médio e fundamental. Em função disso, a forma de ensinar, a didática do ensino, deve levar em conta, simultaneamente, os aspectos singulares e genéricos dessa realidade e, também, ou principalmente, a forma de como passar os conhecimentos, conceitos e conteúdos, lembrando que a aprendizagem se faz muitas das vezes de forma mais efetiva quanto mais afetiva for a relação entre aluno e professor, como exemplificado pelo professor Vasco Pedro Moretto, ao falar sobre o que os alunos guardam de uma boa aula:

Passados uns vinte anos, o professor Moretto, em Brasília, encontra-se com um ex-aluno. Entre outras conversas o professor questiona o ex-aluno se ele havia usado, em sua vida prática, algum conhecimento de física que ele havia ensinado em sala de aula. E o ex-aluno respondeu que não! O professor ficou meio surpreso, mas o ex-aluno acrescentou que o professor havia falado sobre a morte, em um dia que eles pediram uma aula diferente (fora do conteúdo de física) e que essa aula, ele havia guardado para sempre na memória, pois lembrava-se do mês e do ano (!!!). (SANDIM, 2009, p.1).

Tal reflexão vem ao encontro da afirmativa de Kant^{iv} (1983 *apud* DIFANTE, [200-?], p.2): não se ensina Filosofia, mas a filosofar. Por analogia, tal afirmativa nos remete à reflexão de que só se aprende fazendo. Assim sendo, o ensino da ética também se dá da mesma forma, ou seja: só se aprende sobre a ética sendo ético, vivendo a ética nas atitudes

diárias. A recíproca também é válida para o ato de ensinar, pois que o ato de aprender está vinculado ao ato de fazer. Uma coisa não existe sem a outra.

A didática pensa o processo do ensino a partir da lógica da sala de aula, ou seja, para a didática, o processo de ensino só acontece quando contextualizado. É preciso saber antes, como, de que forma, através do que e por que o estudante aprende, criando as condições e os modos necessários para alcançá-lo, tendo como elementos principais da didática as relações entre o ensino prestado, a interiorização de conteúdos, os modos de agir e as aprendizagens efetivadas.

Não obstante, equivocadamente, muitos professores analisam esses elementos de forma isolada, o que os faz pensar a didática apenas como um dispositivo, um procedimento de ensino, ficando a análise de conteúdo, os métodos investigativos das ciências e os processos do aprender para outras disciplinas. A função (se é que podemos falar assim) da didática é apresentar o conhecimento de uma forma que o estudante possa apreendê-lo e aprendê-lo, tornando-o, assim, atrativo, de forma que este (o estudante) se sinta motivado a querer conhecer.

A partir dessa reflexão, podemos dizer que, ser um bom professor, portanto, implica ser pesquisador e conhecedor de uma área específica do conhecimento, pois que o conhecimento é reconhecido como a parte nuclear do ensino, o cerne do processo ensino-aprendizagem. Podemos compreender então que, para o ensino da ética, o professor precisa refletir sobre os fundamentos éticos e em como esses fundamentos são aplicados e vivenciados no dia a dia do estudante e da escola.

Conceituando ética, encontramos em Vazquez (2012, p.23) que “a ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade”. Na Filosofia, a ética é o ramo de estudos que cuida particularmente de investigar os princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano. Coaduna-se com essas reflexões Cabanas (1996, *apud* MENIN, 2002, p.93), quando ressalta que

A questão central da ética é a de responder à pergunta: o que nos obriga a sermos bons? Ou seja, é a ética que nos permite buscar critérios para definirmos o que é ser bom, correto ou moralmente certo e que nos fornece explicações para nosso senso de dever moral. A essa questão – o que me obriga a ser bom – podem ser dadas respostas diferentes, ancoradas em diversas posições filosóficas ou ideológicas; e é quando a respondemos que encontramos valores morais.

Concordamos com Shulman (2005, p.5) quando afirma que existe uma "base de conhecimento para o ensino", ou "conhecimento de base", que é um conjunto codificado de conhecimentos, habilidades, ética e disposição que o professor precisa ter para ser considerado um "bom professor". Sem o resgate desse conhecimento de base, a aprendizagem fica comprometida, como vêm revelando os resultados de avaliações de desempenho dos estudantes e a tolerância a comportamentos antissociais que se mantêm.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É considerável salientar e compreender que o processo de ensino-aprendizagem é uma prática realizada em conjunto por professores e estudantes, sendo organizado e conduzido pelo professor, objetivando prover as condições e meios pelos quais os estudantes verdadeiramente assimilam os conhecimentos, ou seja, aprendem.

Assim, ao falarmos de ética, de moral e de valores com os estudantes, temos como objetivo provocar reflexões sobre uma conduta ética na vida pessoal e futura vida profissional de forma a contribuir para a formação integral do ser humano, fazendo-o compreender seu papel como cidadão. Podemos, ainda, citar alguns objetivos do ensino da ética na educação superior, quais sejam: fixar o conceito da ética em nossa sociedade; desenvolver nos estudantes o senso crítico sobre a consequência de suas próprias atitudes e, também, das atitudes de cada um; levar ao conhecimento dos estudantes o custo da falta de ética no dia a dia da escola, da cidade, do país e do mundo; confrontar os estudantes com dilemas para praticar a tomada de decisão ética e instigar uma reflexão nos estudantes sobre o futuro deles como profissionais e cidadãos comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e ética para todos.

Não se trata apenas de estudar uma forma de conversar ou mesmo de discorrer *sobre* a ética com os estudantes, de passar conteúdo (de forma superficial), conceitos e definições, mas de refletir sobre as situações e problemas vivenciados na escola e na comunidade a partir de princípios éticos da vida em sociedade. De nada adianta fazer discurso sobre as normas e regras de convivência em sociedade quando a regra geral que vigora na escola é o tratamento desrespeitoso entre seus sujeitos (estudantes, professores, diretores e colaboradores da escola). É imperativo buscar certa coerência entre a teoria, os princípios que se prega e a

prática diária vivenciada. Afinal, no campo do ensino da ética, não cabe a pregação sobre os bons valores. Se o que se objetiva é o desenvolvimento de cidadãos livres, pensantes, críticos e atuantes, a vivência dos valores precisa ser incorporada ao cotidiano, às ações e ao processo de ensino-aprendizagem. E, para tanto, a ética faz parte desse conhecimento de base que todo professor precisa ter para alcançar seu objetivo maior: o de ensinar.

ⁱ Prof. Vasco Pedro Moretto. Mestre em Didática das Ciências pela Universidade Laval, Québec (Canadá), licenciado em Física pela Universidade de Brasília, Especialista em Avaliação Institucional pela ACB, autor de vários livros.

ⁱⁱ A teoria da aprendizagem significativa foi proposta por David Ausubel (psicólogo, 1918 – 2008) na década de 60. Segundo essa teoria, o processo de ensino precisa fazer algum sentido para o aluno. Nesse processo, a informação recebida deve interagir apoiando-se nos conceitos essenciais pré-existentes na estrutura do aluno.

ⁱⁱⁱ “En cada persona existe algo así como un proceso evaluador interno, configurado precisamente por su nivel de conciencia, que va estructurando un sistema de valores, los cuales, a su vez, se convierten en el núcleo integrador de la personalidad y en el cual va conformándose, en dependencia de múltiples factores, una filosofía unificadora de la vida” (BOMBINO, 2009, p. 407).

^{iv} Immanuel Kant (1724 — 1804) foi um filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Isabel. Os valores éticos fundamentais dos educadores baseiam-se na proximidade e na responsabilidade. **A Página da Educação**. Porto, Profedições, Lda, v. 147, n. 14, jul/2005, p.11. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=147&doc=10948&mid=2>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

BOMBINO, L. R. L. La Aprehensión de Los Valores: El papel de la regulación moral en este proceso. In: BOMBINO, L. R. L.; VÁSQUEZ, A. de A.; PORTO, M. E. **Por uma Nova Ética**. La Habana: Félix Varela, 2009. p. 394 – 414.

CORTELLA, Mario Sergio. **A Escola e o Conhecimento: Fundamentos Epistemológicos e Políticos**. 13 ed. São Paulo: Cortez. 2009. 160p.

DICIOWEB. [200-?]. Disponível em: <<http://dicioweb.com.br/ensinar/relacionadas?page=7>>. Acesso em: 6 dez. 2012.

DIFANTE, Édison Martinho da Silva. **A Perspectiva Kantiana Acerca do Ensino da Filosofia**. [200-?]. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/006e1.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa** – Folha/Aurélio. São Paulo: Folha de S. Paulo, out.1994/fev.1995.

LIBÂNEO, José Carlos. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, set /out /nov /dez, 2004, n. 27. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n27/n27a01.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2011.

_____. A Integração entre a Didática e Epistemologia das Disciplinas: uma via para a renovação dos conteúdos da didática. In: Simpósio “Epistemologia e didática” – XV ENDIPE. Ângela DALBEN, Ângela et al. (Org.) **Coleção Didática e Prática de Ensino**. Belo Horizonte: UFMG, abr./2010. p. 81-104.

_____. Didática e epistemologia: para além do embate entre a didática e as didáticas específicas. In: VEIGA, Ilma P.A. e D’Ávila, Cristina (Org.). **Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas: Papyrus Editora, 2008.

MENIN, Maria Suzana De Stefano. Valores na escola. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 91-100, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-97022002000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 27 jun.2011.

SANDIM, Vanda. Avaliação da Aprendizagem: uma relação ética. In: **PROETI no Polivalente**. 6 ago. 2009. Disponível em: <<http://polivanda.blogspot.com/2009/08/avaliacao-da-aprendizagem-uma-relacao.html>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

SHULMAN, Lee S. Conocimiento y enseñanza: fundamentos de la nueva reforma. **Profesorado - Revista de currículum y formación del profesorado**, ano/vol. 9, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=56790202>>. Acesso em: 08 nov. 2012.

VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Tradução de João Dell’ Anna. 33. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 304p.